

## “Esta simples ferramenta chamada amor”: uma entrevista sobre educação antirracista com a ativista Mica Oh<sup>1</sup>

Entrevistadores: César Augusto Paro<sup>2</sup> e Cassiana Rodrigues<sup>3</sup>

Recebido em: 30/09/2020

Aceito em: 26/01/2021



Mica Oh é filósofa, conferencista e escritora com experiência em processos educativos sobre racismo estrutural para pessoas brancas, a partir de uma perspectiva feminista interseccional. Esta entrevista objetiva explorar os aspectos pedagógicos da sua oficina “Eu não sou racista, mas...”, que se trata de uma ação política para contribuir com as práticas anticoloniais.

**Em outubro de 2019, conhecemos você durante o seminário “Descolonizando a Saúde Global”, organizado pelo grupo dinamarquês *Together Against Racism* (Juntos Contra o Racismo) e a Escola de Saúde Global da Universidade de Copenhague, Dinamarca. O encontro buscava disparar diálogos para explorar o racismo estrutural e o movimento decolonial, de modo que o público acadêmico pudesse ser provocado a refletir criticamente sobre seus pressupostos, seus preconceitos internalizados e a branquitude do currículo universitário. Como uma ativista que desenvolve processos formativos para a prática antirracista, o que educação significa para você?**

Educação é conhecimento e conhecimento é tudo. Para mim, ele é mais valioso do que dinheiro. Sem conhecimento, não existe dinheiro. Sem conhecimento, não há possibilidade do exercício da liberdade.

Especialmente no âmbito universitário, dificilmente identificamos algum tipo de meta quando o tema é antirracismo. No entanto, nós ainda continuamos apostando na academia. E nós estamos aqui! E nós vamos educar! Eu não sou a primeira fazer isso: eu sou apenas uma de várias/os que fazem/fizeram isso. Alguns dos aspectos que eu trago para a formação vieram de Toni Morrison e Angela Davis, por exemplo... Eu sou apenas uma delas/es. Há centenas de outras negras/os como elas que vêm trabalhando com antirracismo e racismo estrutural/institucional. Estas pessoas continuam fazendo isso! Porém, a estrutura acadêmica ainda

1 Filósofa; Danmarks Intersektionelle Højskole; e-mail: micaoh@dihdenmark.com; <https://orcid.org/0000-0001-7182-6019>.

2 Doutor em Saúde Coletiva pelo Instituto de Estudos em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil, com período sanduíche na Escola de Saúde Global, Universidade de Copenhague, Dinamarca; e-mail: cesaraugustoparo@iesc.ufrj.br.

3 Doutoranda em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil; bolsista do CNPq; e-mail: cassi\_rodrigues@yahoo.com.br.

não reconhece efetivamente que mulheres negras possam ter conhecimento sobre antirracismo, sobre como nós podemos ter padrões de sociabilidade de modo que não fiquemos uns contra outros o tempo todo, sobre como nós poderíamos aprender a co-laborar como seres humanos.

Eu não sei quando a branquitude acadêmica vai admitir que professoras negras podem educar e produzir conhecimento não somente para pessoas negras, mas, na verdade, também para pessoas brancas. Se a academia estivesse realmente aberta, talvez ela não se sentisse tão ameaçada com o fato de conceber uma mulher negra como educadora. Afinal, o que eu trago para a formação não é para ser contra as pessoas brancas, mas é para ser a favor da humanidade. E, para isso, conhecimento é tudo, inclusive mais valioso que dinheiro. É com o conhecimento que inclusive podemos gerar mais riquezas, não somente para ganhar mais poder, mas para trilhar um caminho produtivo global para convivermos neste mundo. Antirracismo não é contra brancos: é sobre como nós como seres humanos podemos trabalhar e viver juntos neste mundo harmoniosamente.

**Dois homens brancos. Uma mulher negra. Uma praça em Copenhagen. Começo do dia. Uma questão que dá início a um ato racista: “quanto uma negra como você custa?”. A seguir, violência física: um soco brutal na sua face... Esta é uma das suas experiências de violência que você compartilha em suas oficinas. Como é o racismo na Dinamarca? Qual é o custo de ser negra/o neste país?**

O custo de ser uma pessoa negra aqui é violência diária. E não é diferente dos outros lugares do mundo: há violência verbal, mental e física. Racismo não é algo que ocorre somente no Brasil, África, Estados Unidos ou outros países formados majoritariamente por pessoas negras. Ocorre também em todo o resto do mundo! Muitas pessoas não imaginam que também exista racismo na Dinamarca. Por muito tempo – algo em torno de cinco a dez anos atrás –, diversos/as dinamarqueses/as acreditavam que racismo não era um problema neste país. Não faz muito tempo que eu comecei a falar sobre o racismo deste jeito que eu faço hoje.

Vocês relembram nesta pergunta um dos duros momentos que sofri violência aqui. No entanto, isto não é algo isolado, é recorrente. Em fevereiro de 2020, também apanhei de dois homens na frente da porta do meu próprio apartamento. Um deles vive no apartamento debaixo do meu. A única coisa que eu literalmente dizia era: “não, não venha com discursos de ódio contra mim porque o meu orgulho em ser uma mulher negra não pode aceitar isto nunca mais”. Isto foi o suficiente para que eles comesçassem a me bater.

Eu não sou a única pessoa que experiencia isso na Dinamarca. E isso não é por eu ser mulher ou homem: é por eu ser uma pessoa negra. É por ser um sujeito que pessoas brancas ameaçam devido a cor da pele. Não há nenhuma justificativa para além da cor da minha pele. Isso é puro racismo. Então, o custo de ser uma pessoa negra é violência diária. Ser uma educadora negra é dupla violência, porque além das praticadas nos espaços públicos e privados, eu também sofro violência nas redes sociais.

O que aqueles homens que me bateram não sabiam é que o meu cotidiano e o meu trabalho é para proteger homens como eles, negros ou não. Quando eu desenvolvo meu trabalho social pela perspectiva interseccional como uma mulher e como uma ativista, eu sou uma daquelas que está cuidando para que as existências destes homens não sejam ruins enquanto alcoólatras, por exemplo.

O custo para mim é também o de relembrar os desafios das pessoas negras em outros lugares do mundo porque eu sei que as/os colegas ativistas no Brasil sofrem muito mais do que eu na Dinamarca. O custo é alto, mas é relativo, a depender de que país você está.

**Quando você conta sobre a sua experiência neste mundo na sua oficina, você destaca que se descobriu como uma mulher negra aos 13 anos. Depois, a descoberta foi de que o mundo havia sido até então apresentado a partir de uma perspectiva branca... Toni Morrison, Angela Davis, Maya Angelou, Alice Walker, Audre Lorde, James Baldwin, Martin Luther King, Malcolm X e Kwame Ture foram alguns/mas dos/as intelectuais negros/as que puderam te trazer novas perspectivas. Nos conte um pouco sobre o seu contato com autores/as negros/as e as suas influências no seu fazer pedagógico.**

Como tais autores/as me afetam? Em tudo! Por que? Porque eu não tenho família. Eu nasci e vivi nas ruas sem cidadania até os cinco anos de idade... Depois, fui comprada por pessoas brancas que não conseguiam ter filhos. Alguns chamam isso pela bela palavra “adoção”, no entanto, para mim, isto se trata na verdade de tráfico infantil – quando você compra com dinheiro a criança de outra mãe, não se trata de uma adoção para o benefício da mãe biológica ou da criança: é para o benefício próprio das pessoas que compraram a criança desta outra mãe. Pessoas brancas me compraram e me tornaram branca.

Como você comentou, eu vivo num país extremamente branco. Tanto é que na década de 70 e 80 não havia pessoas negras próximas a mim. Quando eu tinha 13 anos, eu descobri que eu era negra. Alguma coisa apenas me disse quando eu olhava para os meus amigos brancos que algo não estava certo ali. Depois, eu pude compreender que eu era negra e não branca. Isto pode até soar engraçado, mas imagine o quão trágico é na cabeça de uma adolescente negra descobrir que não é branca. Toda a vida e identidade virou de cabeça para baixo. Me perguntava: quem sou eu? Eu sou realmente quem eu pensava que era? Não, eu não sou: eu sou muito mais. É por isto que eu fui muito sortuda em ter encontrado livros com estas outras e estes outros que você menciona. E eu verdadeiramente encontrei a negritude em mim. Eu também compreendi que eu não sou a pessoa que eu pensava que eu era porque eu não era branca, afinal, eu era negra, eu sou negra. Foi isso que estes autores deram para mim.

É lógico que o meu ensinar tem forte influência da revolução antirracista da década de 60 e da noção de racismo institucional. Além de influenciar o meu trabalho, isto vem influenciando toda a minha vida.

**Tal qual nesta pergunta anterior, você inicia as suas oficinas narrando a sua vida e a sua experiência neste mundo. Por que?**

A razão pela qual eu falo sobre mim e sobre a minha história no processo educativo é porque, na minha filosofia, você precisa sentir o que aprende. Quando se ensina sobre antirracismo, não é possível apenas explicar este fenômeno somente com palavras: antirracismo exige muitas ações. Por isso, as ações que eu experienciei enquanto mulher negra na minha vida forma grande parte das minhas atividades didáticas. Quando nós falamos sobre nós mesmos (e todos nós sabemos disso por sermos seres humanos), nós temos afetações emocionais e também um pouco mais de abertura para o outro.

Isto acontece porque, quando nós reconhecemos e escutamos palavras que trazem algum tipo de ressonância, nós sentimos coisas. Conversar sobre antirracismo – um tema tão delicado para se tocar, especialmente entre pessoas brancas –, é importante que você sinta sobre aquilo que está dialogando. Por isso, pessoas que vão aprender sobre antirracismo precisam sentir isto de algum modo.

Ademais, eu acredito também que as pessoas que querem conversar sobre este assunto merecem saber quem eu sou. Eu não sou apenas uma professora, uma educadora ou uma conferencista: eu sou um ser humano. E não é porque eu estou numa posição de educadora que eu não experiencio as mesmas coisas que eu proponho na minha formação.

**Depois de trazer sua própria narrativa, você continua o seu trabalho com algumas perguntas para promover algumas reflexões sobre como pessoas brancas poderiam ser aliadas à luta antirracista. Você poderia dar mais detalhes sobre como a metodologia da sua abordagem é estruturada?**

Eu prefiro desenvolver o processo formativo por meio de oficinas porque as pessoas precisam pensar e refletir por elas mesmas. Elas precisam pensar soluções ou trazer novas ideias. Esta é a base deste tipo de atividade.

Inicialmente, eu apresento a elas alguns aspectos sobre racismo institucional e estrutural. Depois, eu pergunto as mesmas questões que as próprias pessoas brancas se perguntam o tempo todo, ou que então elas não querem escutar, ou que não querem reconhecer, ou que não querem nem ver! Pessoas brancas têm muitos pontos cegos. Elas não querem ver os privilégios que possuem. Por isso, eu uso os maiores problemas ou desafios para pessoas brancas relacionadas ao racismo. Eu pergunto a elas sobre qual privilégio ou

privilégios existe(m) para as pessoas brancas. E faço isso de modo que elas possam perguntar a si mesmo a partir de seu cotidiano: “quais privilégios você realmente possui nessa sociedade? Quais destes privilégios que você possui e que pessoas negras não possuem? E, se você acha que tem os mesmos privilégios, por que será que você atinge os seus objetivos de maneira tão mais rápida que as pessoas negras?”

Estas são as mesmas ferramentas que eu utilizo para fazer com que pessoas voluntariamente pensem sobre todas estas coisas que eles já veem escutando sobre antirracismo. Pessoas brancas escutam recorrentemente palavras como “racismo”, “privilégios” ou “pontos cegos”. Todas estas palavras são familiares, certamente são. As/os brancas/os simplesmente não querem utilizá-las e reconhecê-las, porque, se fizerem isto, terão que se responsabilizar com práticas antirracistas. Eu entendo o porquê possuem esta dificuldade, afinal, isto tem relação em não assumir que elas mesmas estão fortalecendo e empoderando o manto do racismo estrutural. Elas precisam desse manto. Por serem brancas, elas internalizam o racismo que a estrutura opera no processo de racialização.

É por isso que para criar responsabilidade com a luta antirracista, é necessário sentir estes sujeitos, arrebatá-los, desafiá-los. Eu também preciso me desafiar para ser eu mesma quando educo. Meus estudantes me sentem. Eu não sou apenas uma professora em frente deles. Eles me sentem, e, ao mesmo tempo, eu busco também sentir eles.

Eu não falo sobre nada mais do que estes indivíduos já tenham questionado, lido ou ouvido em seu cotidiano. Nós não conversamos sobre coisas estranhas ou inéditas. Eles já escutaram sobre isto antes. A diferença é que agora estou trazendo-os para gerar responsabilidade sobre tais palavras que eles tanto escutam. E, normalmente, eles não ficam tocados com a minha história, mas com a deles mesmos. Eles se surpreendem quando identificam pontos cegos que eles não sabiam que tinham: “Meu Deus, este sou eu? Eu pensava que eu era consciente. Eu pensava que eu era antirracista. Mas agora eu vejo que tem várias coisas para eu trabalhar em mim”. E não sou eu que digo isto a eles, são eles mesmos que contam para si.

**Na sua apresentação, você utiliza a citação do escritor James Baldwin: “se eu te amo, tenho que torná-lo consciente das coisas que você não vê”. Você também declarou para a plateia: “eu te amo”. Por que e como você acredita que o amor pode apoiar na transformação social a partir de uma perspectiva antirracista?**

Você pode odiar diversas coisas, a si mesmo, a todos os demais e ser este tipo de pessoa. Porém, você também pode amar. Você pode fazer isso. É simples, não é mesmo? Não, não é, porque o amor não são tempos dourados, arco-íris, sol brilhando... Amor é também tudo aquilo que nos machuca – isto também faz parte do amor. Se você não combina estas coisas, você cria uma ilusão. E é isso que pessoas brancas têm feito: criado ilusões. Pessoas brancas acreditam que o amor somente acontece em dias felizes e criam elefantes cor de rosa para defini-lo. Pela perspectiva da mulher negra, eu sei que amor também é conflito, é dor. Isto também é amor. E, se você não combina esse elefante cor de rosa com este “desastre”, você não consegue encontrar um mínimo de harmonia e normalidade na sua existência. Quando eu falo sobre todas essas coisas que as pessoas brancas não sabem como lidar, eu faço com amor.

Desde que eu comecei minhas experiências de formação aqui na Dinamarca, eu nunca lecionei sem ao menos uma ou mais pessoas chorarem nos encontros, porque trabalhamos com coisas que machucam. A dor vem quando as pessoas reconhecem: “meu deus, eu poderia ter sido uma pessoa melhor. Eu poderia ter interagido de uma outra forma com aquela outra pessoa ali”. E dói porque isto não foi feito. Mas é só porque alguém não pode ter sido melhor que eu não vou ter a capacidade de amar essa pessoa? Não! Afinal, agora ela pode compreender que pode fazer melhor.

Quando eu vejo os/as participantes nas minhas oficinas se afetando, é porque eu pude tocá-los com esta simples ferramenta chamada amor. Eu posso ver o amor destas pessoas quando elas admitem que podem fazer melhor enquanto pessoas brancas. Como educadora, eu acredito que este engajamento é importante. É por isso que nós dialogamos sobre como nós podemos ser seres melhores.

Tal qual Baldwin, eu acredito nesta coisa forte chamada amor! James Baldwin trouxe verdades para as questões que as pessoas brancas se perguntam e as fez pensar sobre. E ele fez isso com amor... Eu sei que há vários professores neste mundo a fora que não acreditam no amor. A maioria deles é composta de homens brancos. Eu não sou o tipo de educadora que acredita que o antirracismo, o racismo ou qualquer outro problema será resolvido com morte, destruição e ódio. O racismo por si só já não é suficientemente odioso? Antirracismo pode ser amor. Eu tenho certeza disso. Nós só precisamos ensinar que amor não são elefantes cor de rosa. Pelo contrário, amor são todos os elementos que nós podemos criar e colocar em comunhão. E nós somos estes elementos!

**Do lado de fora do auditório em que você ministrava a sua oficina no seminário que referimos no início desta conversa, ativistas do *Generation Identitær* (grupo de jovens patriotas que atuam contra a imigração em massa e o multiculturalismo e a favor de que a cultura europeia lidere a Europa) estavam entregando panfletos advertindo “cuidado! Você está saindo da zona de pensamento crítico”. O que você nos tem a dizer sobre isso? Quais são as reações dos dinamarqueses à sua proposição pedagógica?**

Esse grupo da ala radical lá no espaço do seminário foi algo interessante, não foi? Trago de novo o elemento explorado na pergunta anterior: eu trabalho a partir do amor, compreende? Há espaço nas minhas formações para todas e todos, até para pessoas como aquelas.

Enquanto o grupo protestava em frente ao auditório que eu iria começar em instantes minhas atividades, alguns dos organizadores vieram e me disseram: “meu deus, você viu aquele grupo lá fora”. E eles imprimiram esses panfletos super profissionais para distribuir para as pessoas brancas que estavam por ali. Eu peguei um deles, li e comentei: “Oh! É sobre mim! Vocês fizeram tudo isso por mim! Fantástico! Mas, da próxima vez, se vocês quiserem me citar, vocês poderiam me citar corretamente, por favor? Vocês me citaram de forma erroneamente e isso é tão antiprofissional.” Eles então me perguntaram sobre o que estava equivocado na citação e comentaram que iriam trocar o texto em seu website. Aí eu os provoquei: “bem, de todo modo, eu convido vocês para entrarem e participar do espaço. Se vocês quiserem estar conosco, vou adorar tê-los conosco”. Eu não entendi o porquê, mas eles declinaram do convite. É assim que eu respondo a isso!

Há várias situações como estas no meu cotidiano. Uma das razões do porquê eu parei de pesquisar meu nome na internet é porque isto realmente me chateia. Se eu lesse todos os comentários maldosos que racistas escrevem sobre mim, seria muito difícil para mim. No entanto, por outro lado, também compreendo que quando chego neste ponto é porque eu consegui alguma coisa: uma mulher negra conseguiu ameaçar toda a estrutura da ala branca. Tenho que reconhecer que isso também é algo importante.

**No Brasil, principalmente desde que Jair Bolsonaro ascendeu ao poder, muitas experiências educativas como a sua também foram acusadas de doutrinação política. A influência da “Escola sem Partido” é crescente. O presidente quer eliminar qualquer influência da filosofia freiriana na educação, bem como deslegitimar qualquer tipo de discussão sobre gênero no ambiente escolar, sob a acusação de “ideologia de gênero”. Ele também argumenta que foram os africanos os responsáveis pela escravidão no Brasil, não os colonizadores portugueses. Você também vê um aumento do conservadorismo na Dinamarca?**

Acontece a mesma coisa aqui. Os partidos formados por homens brancos, as alas de direita, o conservadorismo, o nacionalismo... Tudo está ficando mais forte por aqui. E as coisas estão ficando pior. Por exemplo, temos aqui um político que tem usado as mesmas estratégias que Hitler usou durante a Segunda Guerra Mundial. Isto acontece em frente dos nossos olhos sem que o governo dinamarquês o pare. Na verdade, o governo deu a ele oito milhões para financiar a sua plataforma e o seu protesto. Já nós ativistas somos chamados de comunistas, de destruidores das estruturas. Mas, eles estão corretos: nós somos os destruidores da estrutura! A estrutura não tem beneficiado a população LGBTQI+, as/os negras/os, as pessoas com deficiências, a parcela pobre da população, etc. Os brancos querem atenuar a sua história de imperialismo. E é por isso que também temos um conhecimento tão limitado sobre os fenômenos pessoais. Quem diz que as pessoas negras são contra brancos são eles. Nós não somos contra as pessoas brancas. Nós estamos

convivendo com as pessoas brancas desde quando nossos ancestrais foram escravizados. Nós não matamos pessoas brancas, nós não as odiamos. E nós inclusive somos quem os ensina a não nos matarem: é isso que fazemos enquanto ativistas negras/os.

Eu não vejo o ativismo negro como algo ameaçador. Quem narra isso são os brancos. E eu entendo que eles estão com medo de perder os privilégios que lhe foram dados no processo de racialização. No entanto, eles precisam aprender que não queremos tirar os seus privilégios, queremos compartilhá-los um pouquinho mais: ninguém deve ser esquecido na distribuição dos privilégios. E nós, negras e negros, não estamos fazendo parte desta sociedade de privilégios.

## Agradecimentos

Agradecemos o apoio de Jonathan Fontella com a transcrição e tradução da entrevista para o português. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

### *“This simple tool called love”: an interview with the activist Mica Oh<sup>4</sup> about the antiracist education*

Interviewers: César Augusto Paro<sup>5</sup> e Cassiana Rodrigues<sup>6</sup>

Mica Oh is a philosopher, public speaker, and writer with experience in educating white people about structural racism from an intersectional feminist perspective. This interview aims to explore the pedagogical aspects of her workshop “I am not racist, but...” – a political action that contributes to the anti-colonialist practices.

**In October 2019, we could know you during the seminar “Decolonising Global Health”, co-organized by the group *Together Against Racism*, and Master Students in Global Health and the School of Global Health at the University of Copenhagen. The meeting aimed to spark conversations to explore structural racism and the decolonisation movement, provoking the college public critically reflect on their assumptions, subconscious prejudices, and the whiteness of their curriculum. As an activist that develops a training process for the antiracist work, what does education mean to you?**

Education is knowledge and knowledge is everything. Knowledge is more worth to me than money. Without knowledge, there is no money. There is no possibility to give further or to give freedom.

Especially in the academy, we hardly see a kind of goal when we talk about antiracism. But we have been still here! And we are here! And we will teach! I am not the first one: I am just one of them. Some of the aspects that I educate in are from Toni Morrison, Angela Davis, for example... I am just one of them! And there are hundreds more black/brown people like them who have been educating in antiracism and structural and institutional racism. They are still doing it! However, the structure still does not acknowledge that a black woman or black teachers do know things about antiracism, about how we as people can live together in a way

4 Philosopher; Danmarks Intersektionelle Højskole; e-mail: micaoh@dihdenmark.com; <https://orcid.org/0000-0001-7182-6019>

5 Guest PhD at School of Global Health, University of Copenhagen, Denmark; PhD in Collective Health at Institute for Studies in Collective Health, Federal University of Rio de Janeiro, Brazil; e-mail: cesaraugustoparo@iesc.ufrj.br.

6 PhD student in Collective Health at Institute of Social Medicine at Rio de Janeiro State University, Brazil; e-mail: cassi\_rodrigues@yahoo.com.br.

that we are do not be against each other all the time, about how we can learn to collaborate as human beings.

So, I do not know when the white academy will acknowledge that a black teacher actually can educate and give knowledge not just to black/brown people, but also to white people. And if the white academy had done so, maybe they would not feel threatened about black woman as an educator because, what I am educating in, it is not against white people, it is for humanity. And for that, knowledge is everything, more worthy than money. With that knowledge, we can actually create more money. Not to gain only power, but to gain a productive way on how we can live among and with each other globally in the world. So, what black/brown people can teach in and educate in it is not the same things that white people do. Antiracism is not against white people: it is about how we as people can work and live together harmoniously.

**Two white men. One black woman. A public square in Copenhagen. Early morning. One question has begun a racist act: “how much does a negro like you cost?” Then, physical violence: a brutal punch on your face... This is one of your experiences that you share with us in your workshop. How is the racism in Denmark? What is the cost of being black?**

The cost of being a black person is daily violence. It is not different from the rest of the world: it is verbal, mental, and physical violence. Racism is not just something that is happening in Brazil, Africa, the USA, or countries where black/brown people live as a majority. This is also in the whole world! A lot of people do not think that racism exists in Denmark. A lot of Danish people do not believe racism could be a problem in Denmark for a lot of years, actually, five to ten years ago. It is not a long time since we begin to talk about racism in the way that I am doing it like today.

You bring in your question just one hard time that I suffered violence here. However, this is recurrent. In February 2020, I was beaten in front of my own apartment's door also by two men. One of them lives downstairs to me. The only thing I literally said was: “No, do not come verbally against me because my gladness of being a black woman does not accept that anymore”. That was enough for them to start to beat me.

I am not the only one in Denmark who experiences this. And this is not about to be a woman or a man: this is about being black. This is about to be a human that white people threaten about because of your skin color. So, this is not about anything else than the color of my skin. This is pure racism. So, the cost just to be a black person is to experience violence every day. To be an educator and a black person is double violence because I also meet and feel other violence from social media.

What the men who beat me up do not know is that my every day and my professional work is to protect men like them, color or not. When I do my intersectional social work as a woman and also as an activist, I am, for example, one of them who is taking care for their existences not to be worst as alcoholics, for example.

The cost for me is also to remember the challenges for black/brown people around the world because I do believe the cost of an activist colleague in Brazil is bigger than mine in Denmark. So, the cost is big, but it also is relative where you live in the world.

**When you told us about your experience in this world, you highlighted that you discovered yourself as a black woman with 13 years old. Then, the discovery was about how the world had been presented for you only by a white perspective as yet... Toni Morrison, Angela Davis, Maya Angelou, Alice Walker, Audre Lorde, James Baldwin, Martin Luther King, Malcolm X, and Kwame Ture were some of the black intellectuals that could give you news perspectives, as you presented in your lecture! Tell us more about your contact with the black authors and their influences on your educational approach.**

How do those authors affect me? Everything! Why? Because I do not have any parents. I was born in the streets without citizenship in the first five years of my life... I was got by two white people who bought me for money because they could not get children themselves. I know people call it by the nice word “adoption”; however, for me, it is child traffic – when you pay money for another mother's child, it is not an adoption for

the benefit of the birth mother or the child: it is for the benefit of the people who gave money to buy a child from another mother. White people bought me and raced me in white.

As you said, I live in a very very very white country. Therefore, in the 70s and 80s, there were no black people around me. When I was 13 years old, I discovered that I was black. Something just told me when I looked at my white friends that something is not right here. Then, I could find out that I am black and not white. It can sound quite funny. However, you have to think about how tragic it is for a black girl to find out in her early teenager years that she is not white. Her whole life and identity of herself just turns upside down: in reality, who am I? Am I really who I had been thought I was? No, I am not: I am so much else. That is why I was so lucky to find books with “others” that you just said. And I truly found out the blackness in me. I also found out that I am not the person that I really had thought I was because I am not white, actually I was black, I am black. This is what those authors gave me.

Of course, my teaching is very much based on the antiracism revolution from the 60s, the knowledge in the institutional racism. And, it also has been influencing all my life!

**Like the past answer, at the beginning of your workshop, you narrate your life and experience in this world. Why?**

The reason I talk about myself and my life and put myself in front of the history for educating is because, in my philosophy, you need to feel what you learn. When you teach on antiracism, it is not just something that you explain in words: antiracism is not only words, it is very much actions. So, the actions that I have experienced as a black woman in my life is very part of the narrative of my lecture and workshops in antiracism. When you talk about yourself (and everyone knows that as human begins), you get a little bit emotional and open up a little bit more.

This happens because, when you recognize and hear the words that give some kind of resonance, you feel things. To talk about antiracism – a theme that is too fragile to talk about it, especially among white people –, it is important that you feel what you are talking about. So, people that will go to learn about antiracism need to feel it in some kind of way.

Moreover, I think people that want to talk about antiracism deserve to know who I am. I am not just the teacher, the educator or the lecturer: I am a human being. It is not because I am an educator that I do not experience the same things that I also educate them in.

**After you use your own narrative, you begin to work with some questions to achieve some reflections about how white people could be allied to the antiracism. Could you give more details about how the methodology of your approach is structured?**

I prefer to do a workshop because people need to think and reflect by themselves, they need to think solutions or new bright ideas. This is the base for the workshop.

First, I give them insights in institutional racism and structural racism. Then, I ask the same questions that white people ask themselves all the time, or otherwise they do not listen to, or do not want to acknowledge, or do not want to see! They have a lot of blind spots. They do not want to see through the privileges that they live in. So, I use the biggest problems or challenges for white people related to antiracism. I ask them to think about what privilege or privileges exist(s) for white people. And I ask them in a context to they ask themselves, in their daily lives. Questions like: “what privileges do you really have in this society? What privileges do you have that black and brown people do not have? And, if you think all people do have the same privileges, how come that you reach your goals so much faster than black/brown people do?”

Those are some of the tools that I practise to make white people voluntarily to think about all these things that they have already been hearing about antiracism. White people hear a lot of time words as “racism”, “privileges”, or “blind spots”. They know these words. Of course, they do. They just do not want to grab and

acknowledge them because if they do, they have to put themselves in responsibility towards the antiracism practice. I understand why white people really do struggle because this is about how every white single person would not lift and empower this structural mantle by themselves. They need this mantle. They internalize the racism that the structure has been racing them into just because they are white people.

Therefore, to make responsibility to antiracism, you need feel people. You need to grab. You need to dare yourself. I also need to dare myself to be me when I teach. My students feel me. I am not just a teacher standing up in front of them. They feel me. And I demand to feel them as well.

I do not speak anything more than white people have already asked, read, and heard in their every day. We do not talk about strange or unsound things. They have heard about them before. The difference is that, now, I am just bringing them into a responsibility to the words that they hear. And they were usually so moved not by my history, but by themselves. They got so surprise that they had have blind spots which they had not known about them: “Oh my god! Is this me? I thought I was woke. I thought I was antiracist. But now I find out that I get so many things to work with”. And I am not the one who is telling them that, they are the ones who are telling to themselves.

**In your presentation, you used the quotation of the writer James Baldwin: “if I love you, I have to make you conscious of the things you do not see”. You also declared to the audience: “I love you”. Why and how do you think love could help social change by anti-racist perspective?**

You can hate things, yourself, everything else – and be this kind of person. But, you can love. You can do that! It is also simple, isn't it? No, it is not! Because love is not just golden days, rainbows, shining sun... Love is also all the things that hurt – these are part of love too. If you do not combine these things, you create an illusion. And this is what white people have been done: creating illusions. White people think that love is only happy days and create some kind of pink elephant which is waving proudly. For a black woman perspective, I also know that love struggles. Love is hurt. This is also love. And, if you do not combine that pink elephant with this disaster, you will not find some kind of balance and normality in your existence. When I talk about all those things that white people do not know how to handle, I do it with love.

Since I had begun with this experience here in Denmark, I have not yet been teaching without one or more person crying because it hurts. It hurts when you realize: “my god, I could have been a better person. I could have been done this much better for this person over here”. And it hurts because you were not. But, is it just because I could not be better I do not love this person? No! Now, you can realize you could have been done better.

When I see people in my workshops getting emotional, it is because I touch them with the simple tool called love. I can see their love to the people that they hurt when they acknowledge towards themselves to do better as white people person. As a teacher, I think the engagement in the people is important. That is why we talk about how we can be better.

Like Baldwin, I believe in that strong thing called love! James Baldwin told the truth in the questions that white people asked themselves all the time and made them think. And he did it with love... I know there are professors around the world that do not believe in love. They are mainly white, mainly men... I am not that kind of teacher who believes that antiracism or racism or whatever is going to be fault with death, destruction and hate. Is not racism hate enough? Antiracism could be love! I am sure it is. We just need to teach people that love is not pink elephants. Instead, love is a lot of elements that we create and put together. And we are some of those elements!

**Outside the room where you led your workshop, activists from the *Generation Identitaer* – a patriotic youth movement which works against mass immigration and multiculturalism and for European cultures to be the leaders in Europe – were handing out leaflets advertising “warning! You are now leaving the zone of critical thinking”. What could you say about that?**

That white wing group there, it was an interesting thing, wasn't it? Again, I am in this: love, you know? There is room for all of us, even people like that. When they protested in front of the auditorium that I was going to teach, some people from the workshop came to me and said: “Oh my god, have you seen that they are standing over there?” And they spend a lot of money on very professional posters to spread for white people around. I took one of the posters, read it and said: “Oh! It is me! You are writing about me! All this for me! Amazing! Ok! Next time, you want to quote me, would you please to quote me right? You quoted me wrong. That is really unprofessional”. They asked me what was mistakenly quoted and commented that they would change the text in their website. Then, I asked: “by the way, I will invite you inside. If you want to come, I would love to invite you inside”. I do not understand why but they declined! That is my answer for this.

There are a lot of situations like that. One of the reasons why I do not google my name anymore is that it comes under my skin. If I read all these nasty things that racist people write about me, I come under my skin. But, on the other hand, I know when I come to that point I did something. One black woman threatens the whole white wing organization structure. I would say that is also something.

**In Brazil, mainly since president Jair Bolsonaro rose to power, a lot of teaching experiences like yours also has been accused of political indoctrination. The influence of the “School without Party” is increasing. Bolsonaro wants to eliminate any of Paulo Freire’s philosophies in education, and delegitimizes gender discussions in schools – calling it “gender ideology”. He also argued that Africans were responsible for slavery – not Brazil’s Portuguese colonizers! Do you also think there are having an increase of conservatism in Denmark too?**

It is the same here in Denmark. The white men wings, the right rings, the conservatism, the nationalism, all of them are getting stronger. Things are getting worst. For example, we have a politician here that use the same tools that Hitler did during the Second World War. This happens in front of us and the Danish government does not stop him. Actually, it gave them 8 million last year to do his protest, to his platform. And for us activists, we get called communist, the destructors of the structure. But, that is the truth: we are the destructors of the structure! That structure does not do anything good for us as LGBTQ+ person, black/brown person, disabled person, poor person, etc. White people want to narrow their history of imperialism. And that is why also the knowledge is so narrow. The only people who say that we, black/brown people, are against them are the own white people. We are not against white people. We have been living with white people since the day the slave trade off our ancestries for today. We do not kill white people, we do not hate white people. And we are still the people who teach white people to not kill us. Because this is the only thing that we do as a black/brown activist.

I do not see that as a threatening thing. Again, who say that are the white people. And I understand that: they are afraid that the privileges that they learned and were raced into would be taken away from them. But the thing that white people need to learn is that no privileges would be taken away. We just want to share a lit bit more. That is it! No one will be forgotten in the privilege lobby. Because we are forgotten, we are not part of the establish society as people with the same privileges.

## Acknowledgments

We would like to thank Jonathan Fontella for their support with the transcription and translation to Portuguese. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001